

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO.

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH
Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço tele-gráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao direct.

Cisma ou farça?

Os católicos paulistas estão bastante sobressaltados com a recente desavença entre o bispo de Campinas e o vigário de Itapira.

Apesar de aparentarem pouco caso há no sucedido entre os dois personagens, entretanto temem que o mau exemplo venha a comunicar-se a uma boa parte ou a toda a corporação.

O bispo, segundo publicou um jornal daqui, diz nada temer a este respeito, não passando o vigário de um simples indisciplinado, que se ha-de arrepender do que fez.

O vigário afirma o contrario, isto é, que ha-de dar que fizesse ao bispo, tirando-lhe uma boa parte da freguesia.

Qual a causa da grave desavença entre os dois respeitáveis e santos pastores?

Vejam os.

No dizer do bispo, foi preciso de uma casa para hospedar os seminaristas de Campinas durante as férias e não quer o vigário ceder a de Itapira, vasta habitação pertencente ao bispado, sendo ele bispo obrigado a remover o vigário para outro lugar. E também que o dito sacerdote tirava largos proveitos da vicaria. E esta a principal causa da zanga, porque o bispo entendeu que ele devia ficar, para o futuro, dependendo directamente da mitra. Termina afirmando nada temer para a religião, porque Amorim não é pessoa a comparar a fundadores de religiões, tais como Moisés, Calvino, ou Lutero, os quais, diz Nery, eram homens de grande inteligência e preparo filosófico e teológico.

Bravo, sr. bispo, gostei da franqueza!

Mas, permita que eu tome a defesa de Amorim, embora sejam, ele crente e eu ateu, inimigos declarados, na parte em que dizis (já está escrito no jornal que publico) a entrevista que ele recebeu com os amigos anti-clericales.

Que malade! O patriarca da igreja brasileira não precisa dos nossos conselhos.

Quanto também a não ter os predicados necessários para ser chefe de uma nova dissidência no seio do cristianismo, creio ser injusta da vossa parte, porque é ele um destes sacerdotes de cuja massa se fazem os bispos; para isso é monsenhor Amorim, conego da Igreja, já foi secretario de V. Eminencia, redactor de um jornal nosso adversario que defendia os padres do sinistro Orlaneto Cristovam Colombo no atado não liquidado e desaparecimento do infeliz menor Adalino. Logo, é um homem a quem não faltam talentos.

Mas, será mesmo preciso talento e preparo para fundar religiões?

Para mim tenho que estas qualidades não têm peso, até hoje, muito na balança.

O que sabemos de positivo é que um pouco de cinismo junto a uma forte dose de espezieria é a receita de que se tem servido, com exito, todos aqueles que acharam a fórmula de explorar a bo-fé e a ingenuidade das multidões ignorantes.

Ameaça o sr. bispo o seu ex-subordinado com a justiça secular, depois de lhe ter descarregado sobre cabeça toda a sua divina cólera.

Que pena vivermos nos tempos que correm!

Que belo espectáculo seria, num dia magnifico de sol tropical, na mais bela praça de Campinas, ver levantada a purificadora fogueira, e lá em cima atado ao poste, vestido de sambanito e mitra de papelão a cabeça, Amorim e mais meia dúzia de cismáticos e herejes gemerem devorados pelas cha-

Os grandes crimes da Igreja



Giordano Bruno ante o tribunal da Inquisição

mas, para maior gloria de Deus e da sua igreja cá na terra!

Mas teremos, mesmo cisma de verdade ou não, passará isto de uma farça mal representada?

Rio, 9 - 2 - 913

Adrecal.

FARFAS

A APOSTASIA DE D. AMORIM

O rosado e espadado padre Amorim Corrêa, que em tempos idos nos despertou gostosas gargalhadas quando, em arcos de erudição e agitado valente uma bengala, se vangloriava, pelas esquinas, de ter pulverizado, em escritos extraordinários, a magna sciencia do eminente mestre D. Barreto — o padre Amorim, o inefável "Zebedeu" que quebrou, heroico, lanças com os inescutíveis "Mosqueteiros" do *Correio Paulistano* e muitas vezes nos morderam, não agrediu pela *Pulveria*, acabou de levantar grande e leu-ma em torno do seu já imortal nome, fundando a "Igreja Nacional".

Tem alguns correligionários afirmado que esse padre mereceu dos livres-pensadores a maxima simpatia, coadiuvando-o para que prosseja na sua obra e consiga obter exito com a sua nova "igreja", que tem a qualificação de um adepto de rele, com que se pretende, alardeando um pseudo patriotismo, atrair as massas com a isca do jacobinismo. Sinto bastante em dizer publicamente que não me simpatizo com a apostasia do Padre Amorim, nem lhe posso dar o meu testemunho de solidariedade.

Pelas suas declarações, amplamente divulgadas pela imprensa, se depreende que o profundo apologeta que, outrora, acudia ao hilarante pseudônimo do Zebedeu, resolveu fundar a sua *quintanda*, mais por motivos de carácter: muito intimo do que propriamente tendo em vista a propagação dum ideal superior.

Na informações que forneceu à imprensa, escritas pelo seu proprio punho e naquels estilo tão trespasado e no adejuncto balfo que nos faz lembrar o fletibilismo de lacerantes sermões de semana santa, nada ha que impressione ou que nos convença que o novo hereziasta descobriu, nas amareladas folhas do enfadado calhamço que tem o nome pomposo de Evangelhos, novas razões e fortes motivos para derrocar antigos dogmas e para outros criar, e sobre estes originais presunção e corrupto código de moral. — O Novo Testamento — se percebe que o me. sianismo é, antes

de tudo, cosmopolita, não admitindo a ideia de patria, visto que todos os cristãos são, pelos proprios textos do seu livro modicior, simples filhos do céu. Se o cristianismo viesse apenas a salvação duma nacionalidade, essa seria, sem nenhuma duvida, o pelo proprio texto biblico, a judaica, e não nos consta que os Evangelhos tivessem sido forjados para ser adoptados, em pleno século XX, a uma igreja da Itapira.

Não me detenho, entretanto, a fazer estafantes preleções aborrecidas sobre exegese. Quero saber se na resolução do padre Amorim ha alguma coisa de novo, alguma de critica. Não ha: o que o serafico "Zebedeu" quer fazer nada mais é do que um protestantismo muito chulo, porque lhe falta a logica necessaria e a precisa coerencia para poder formar ao lado dos cristãos reformados, a magna sciencia da autoridade papal e dos bispos (neo-protestantismo) e "outras coisas mais", mas continua a ad alir como verdadeiros todos os outros incompressiveis dogmas da igreja romana. De forma que, assim procedendo, o padre Amorim quer granger as graças dos protestantes e, dando-se ares de combatente, de revolucionario, quer também as dos livres-pensadores. Não lhe dá pelos motivos acima, e creio que os meus correligionários coms concordarão: o livre-pensamento não é intolerante, não calunia, não difama e, particularmente, como homem, pode, até certo ponto, ter um pouco de benevolencia, de complacencia, e um riso de piedade para com o padre Amorim, esquecendo, nobre e altivo, a ridicula e torpe campanha que outrora o padre moveu contra a *Lanterna* e o *Livro Pensador* e da qual, ainda hoje, se ufana, impando de vaidade de tolice!

No terreno das ideias, porém, o padre mereço ser tenazmente combatido: deixando o "reduzido" negocio da igreja romana, instituiu uma rels "quintanda" (as denominações são do bispo de Campinas) para fazer concorrência ao abastado armazem de mercadorias religiosas, que é a igreja papal, e, para vencer, tem, necessariamente, de usar do baixo expediente seguido pelos outros audazes caixeiros do Vaticano: — illudir os incautos, ás almas simples, acorrendo-as ao nefasto e prejudicial posto das asneiras cristas, que só servem para deprimir e rebalar o caracter do homem.

Estamos, pois, em presença duma nova inimizade: a nossa obrigação é procurar destrui-lo.

Disse acima que nas razões da apostasia dadas á publicidade pelo padre, nada encontrei que fosse digno de uma análise severa: Enganei-me. Ha uma confissão extraordinaria, em que, publica e descaradamente, se afirma que na diocese de Campinas campela, infrene, o homo-sexualismo. Dillo o padre Amorim quando, por outras palavras, assevera que caiu no desgraçado D. João Nery porque não se submetia "aos seus carinhos e meiguices, porque era varão e varão acti-

vo!" Que lhe faga muito bom proveito.

Ora isto é grave: se o Reverendo Amorim era o activo, quem seria o passivo? O bispo? Não o diz claramente o estapado rival de Lutero, mas isto se deprende das enredalhas... De forma que podemos concluir que o que motivou o hilarante scisma da Itapira foram apenas lacrimosos arrulos de namorados. O caso não tem importancia. Um belo dia, ha uma troca de cartas perfumadas, em que se repetem as mil juras de amor e nas quais os termos amantes recordam, com doçura, as noites de amor suaves, ditas, em que ar-nilhavam e doce, habosamente se beijavam, sob um céu estrelado ou mesmo sob os niveos clarões da lua alcoiteira. Ha um estremecimento religioso, pulsam, fortemente, os corações, ante-se se noras doçuras e os dois amantes se reconciliam... E o scisma barulhento da Itapira termina em zão de elegantes gosos inexpressiveis!

Ficará, depois, com cara de anno, quando quiz vir, num simples e delicioso despois amoroso, uma tremenda questão religiosa. A pretenção herdada do padre Amorim não passa de um aberrativo e exacerado caso de patologia sexual. Não lhe dou e meu opoio: acobelhe-o que se case com um individuo de sexo diverso. O livre-pensamento não interveem numa picaresca questão de gostos invertidos, porque é austero e seque, rigidamente, as leis da natureza!

Doze da Manhã

Bíblia vermelha

... A doutrina de Tolstoi está condenada á impotencia. O metodo que ele preconiza, a resistencia passiva, não poderá triumphar senão com uma condição, que jamais se verificará: generalizar-se.

O cristianismo que ensinou a mesma doutrina tornou-se inimigo da classe operaria e aliado das poderosas da terra. Em vão o opoem ao socialismo, esperando que ele possa tomar o lugar deste.

A sua moral, cheia de complacencias para os "superiores", de tergiversações, de hipocrisias e de contradicções, repugna-nos mais do que a creença num Homem-Deus, na Virgem-Mãe, na fabricação da primeira mulher com uma costela tirada do Adão adormecido. O cristianismo morre de mãos do socialismo e morre pela sciencia. Contra esta ainda poderia defender-se; mas não pode defender-se contra a consciencia moral aperfeiçoada do homem moderno.

Xavier Merlino.

PELA DOURADENSE E JAHU

O nosso companheiro João Penteado encontra-se na linha Douradense, devendo percorrer todas as localidades da zona, inclusive Jahu, trabalhando para a divulgação da Lanterna e em cobrança das assinaturas.

HOSTIAS AMARGAS

As quaesmais de D. S. Leme

Boa Paschoa, d. Sebastião Leme!

O teu Deus carrancudo e rebarbuto permitiu que, á semelhança do que se deu o ano passado, possamos ainda este ano acompanhar-te nas tuas conferencias quaesmais para a catedral do Rio de Janeiro.

E com a disposição de ânimo de quem se acha no goso da mais invejável saúde e pronto a despendar todas as suas energias em pro da causa sagrada do livre pensamento, vamos gloriar, um por um, os temas que organizaste para as tuas conferencias, com as quais, na estultice do teu fanatismo, sonhas galvanizar um organismo em putrefacção, que é a Igreja Católica.

Seguir-te-emos pari-passu na refutação dos absurdos, dos dilates que vais impingir ao teu auditorio de ultramontanos e beatos.

E fil-o-nos compellido pelo ardor no-re de quem cumpre dever de ordem elevada, qual o de reduzir ás suas justas proporções um representante da seita que mais nociva tem sido á humanidade e cujo objectivo é enervar a liberdade do espirito humano, alemagando-o com os grilhões de dogmas ridiculos, infantis, que só podem ser tomados a serio por espiritos tacaños e obceados.

Por isso, com ou sem a tua permissão, d. Sebastião Leme, vamos, sem mais preambulos, meter mãos á tarefa.

1.ª conferencia — A "religião" não consiste exclusivamente no sentimento religioso — Desvio do filosofismo relativamente á concepção da religião — Religião conforma com a natureza humana, com a razão e o bom senso — Incoerências do nosso século.

Mas se a religião não consiste exclusivamente no sentimento religioso, si ele não independe do concurso da intelligencia, então tu e os teus collegas de professos estais completamente perdidos, venerando Bispo de Ortosia.

Porque a religião, são unanimem em reconhecer o todos os espiritos filosoficos, vive ainda tão sómente pelo sentimento, na regra, diz Gustavo Le Bon, jamais executa a voz da razão.

E é por isso que a religião encontra o seu mais poderoso sustentáculo no coração da mulher — que é toda ela sentimento, que é toda ela affectividade.

E é por isso que os doutores da Igreja não admitem que se esmerhem os dogmas, que se submetam os seus principios fundamentais ao cadinho do raciocinio, no qual infalivelmente lhes está reservada a sorte de fundirem-se e volatilizarem-se.

"Reza humana, cala-te" diz La Bossuet, quando o seu intellecto se revoltava ante a imposição, que lhe era feita, de se curvar ás estultices, prégnas da Igreja, de que era ele ministro.

Se não queres, d. Sebastião, que a religião repouse tão sómente sobre uma certa logica do sentimento admitida por alguns psicologistas, se achas que ella pode também ter por si a logica da intelligencia, então procura emaranhar-te em um cipal, de que jámais conseguirás escapar-te — de maneira digna e honrosa, mas tão sómente a favor de sofismas e improbidades.

O sentimento religioso pode levar um individuo a admitir que uma trindade formada de tres deuses não constitua senão um Deus, que uma virgem pode ter dado a luz a um filho, conservando-se sempre virgem, que um fragmento de pão e um martelo de vinho se convertam no corpo e no sangue de um Deus.

Achas pouco que seja possivel que tais balelas possam penetrar o espirito de quem quer que seja, ainda com o grau dessa tal certeza moral de que falamos os teus antigos tratados da filosofia espirituísta?

Por teu cour, je suis profondément chretien et mène catholique, disse celebre escritor religioso — revelando assim que era o sentimento que o compelia a abraçar a religião na qual nascera e se lhe formára o espirito.

E esse mesmo escritor afirmava que existiam nele duas entidades *inconciliáveis e indissolúveis*, sendo uma constituida pelo homem crente e outra pelo homem intellectual.

E se por acaso em tais crentes a razão leva de vencida a fé, o que atesta uma superioridade?

CAUTÉRIOS

LXXXVIII

Caro leitor, quem vive na peleja. Para ganhar o mundo se casiga. Nem sempre pode assim como deseja. Satisfazer á ideia é a consciencia.

Assim foi eu, na vida atarefado. O ferro do cautério abandonado. Dei-me em paz o clero dehorado. E o Sennetir em paz dei-me.

"Bem feito!", hade dizer algum carola. "E o poderias não usar te castiga. Quem mais trabalha, sem tomar alívio. Que tem não dá descanso a esta fadiga!"

E eu estou, quidi, a errar neste argumento! Quem mais trabalha, sem tomar alívio. E quem do cru é mais despojado...

Quem mais trabalha afogado, recando Os fantasmas da fome e do dever? E quem mais sente o apollo miserando Suas carnes cansadas correr.

Quem no trabalho insano desperdiga A energia, a saúde, a paz, o amor, E quem mais sente as garas da injustiça E morre a um canto como um malfeitor!

Depois que fica em livro do mundo, Que lhe reserva e Igreja carpideja? Envia-se para o inferno, o orco profundo, Para servir de pasto a Satanás!

Porque? — Porque na terra bemfazeja, Sem um vthem, vivendo a trabalhar, Não tinha libras para dar á Igreja, Nem para a Igreja lhe tinha vagar!

No entanto, o que possuía a alma corrupto, O que vive da fraude e da extorsão, Da vida os gozos bem feiz destruiu, Vive na paz do céu como um súdito.

Porão é o trabalho é despretoso, Desprezível trabalho o que trabalha, E a honra maior, a honra indelevel, É do pobre extorquir uma mígha!

Tem homenagens, pompas e grandezas, Lambes a Igreja e a Política os seus pés; Lamber de sangue e de torpades E é idolatrado como um Moisés!

E quando estois enfim, nécio e enfastado, Que só na morte é o rico se iguala, Vai direitinho ao céu, encomendado Pelos latins do antigo ritual.

Vai para o céu direito, num momento, Porque, vivendo lá e fario de ouro, Ouvas missas por divertimento, Tendo a Igreja de guarda ao seu tesouro.

A's vezes pelo, quando scienciamdo fico, Nesta desproporção de condigões, O pensamento enbaldiçoifico, A procura de causas e razões.

Mas porque? — Porque o velho padre Ezequiel, O preguiceiro-mor lá do infinito, Que, depois de fazer a terra e o inferno, Nada mais fez de útil e bonito.

Lá do alto zeli, mil interalmente, Pelos coletes que no mundo lança, — O paralisia, o honro repellenço, Os turbados da industria e da fângha!

Outra não pode ser, se firme creio. A causa principal do que me agita. E Deus portanto não é mau e feio: O bem-estar dos seus, justo, suscita!

Quem quando os vis, os mais trabalhadores Não temem tempo para a derrogação? (Porque roubados são pelos santões). Do ouro com que se compra a salvação!

Ora afinal, eu que hoje, decidido, Do Sennetir dei, vitha falar, Lá em cima o abandonado, só e esquecido, Por outro lado puz-me a divagar!

Mas, sozague. Depois de um dia, é sério, Quir dia vem logo succeder. Assim também, depois d'esse cautério, Ha-de um outro cautério apparecer!

Bento da Silva.

ridade de carácter que, infelizmente, em raros homens se encontra, temos ali o desvio do filosofismo, de que fala D. Sebastião Leme.

Rectidão filosófica, para o conferenciante anacronismo da cathedral carioca consiste em não raciocinar, em abnegar do direito de pensar em benefício dos ensinamentos espafurdos, das doutrinas impagáveis que compõem o impagável patrimônio *soi-disant* filosófico da multi-divina Igreja Católica.

Imagine-se só! D. Sebastião Leme quer uma religião conforme com a natureza humana, com a razão e com o bom senso. E D. Sebastião acha que essa religião, conforme com a natureza humana, com a razão e com o bom senso só pode ser a Religião Católica.

Conforme com a natureza humana uma religião que prege as dores, os sofrimentos, as mortificações, prometendo aos seus adeptos uma eternidade de gozos, que o bom senso, por ele invocado, é o primeiro a repelir!

Conforme com a natureza humana uma religião que procura despertar no homem aversão absoluta para com a mulher, na qual ele, pela lei natural, deve encontrar a mais doce, a mais terna, a mais dedicada companheira da sua existência!

Conforme com a natureza humana uma religião para a qual a mais bela das virtudes é representada pela continência absoluta, e que deixa aos seus adeptos a liberdade de se desejarem propagar o exterminio completo da espécie humana!

Conforme com a natureza humana uma religião que nos seus fins ensina que devem encarnar como inimigos da peor espécie aqueles que não a aceitarem, os adeptos de outras credos, os prosélitos de outras escolas filosóficas!

Sempre queremos ver a ginástica de palavras, que ha de empregar o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, para aos seus ouvintes inculcar que existe conformidade entre a razão e o catolicismo.

Para que a religião fosse confusa, para que a religião fosse, so que tem um só dos seus princípios entrasse em conflito com as noções gerais, intuitivas e dedutivas, existentes no espírito humano.

Orá, se existisse perfeito acordo entre a razão e a Religião, era perfeitamente escusado que o papa Pio IX em a sua enciclica — «Quanta curia», de 8 de dezembro de 1864, publicasse esse monumento gótico de insensatez e audácia, constituído por dez capítulos formados, ao todo, por oitenta proposições condenadas, monumento que ninguém jamais tornou a sério e ao qual foi dado a denominação de *Syllabus*.

As proposições condenadas tem todas, por principio, a independência da razão e por objecto, na frase do papa de então, a negação dessa força salutar de que a Igreja católica é investida em relação a povos e soberanos.

Se o catolicismo fosse conforme com a razão, qual o pretexto de D. Sebastião Leme, porque motivo a Igreja considera o racionalismo o seu mais implacável inimigo?

Porque traça ela a inteligência os limites além dos quais não consente que esta passe, e elimina da sua grei aqueles que não lhe obedecem nesse particular?

Como se explica, se é tão conforme o catolicismo com a razão, o facto de haver o Concílio do Vaticano declarado «que deve ser conservado intacto o sentido dos dogmas sagrados que a Igreja uma vez definiu e que ninguém deles deve se apartar sob pretexto de uma inteligência mais aprofundada?»

Ainda mais: O espírito humano está sempre disposto a abraçar a verdade, qualquer que seja o campo em que ela se manifeste. Debalde a Igreja quis evitar a derrocada do sistema astronómico de Ptolomeu, unico compatível com as lendas de que consta a Bíblia.

A despeito das perseguições por ela movidas contra Galileu, o geocentrismo bíblico caiu por terra e com ele o antropocentrismo que é o característico das religiões supersticiosas, entre as quais o cristianismo.

Entretanto, o sistema de Copérnico, é hoje universalmente aceite e nem mesmo as mais ignorantes massas populares acreditam hoje em que o sol, a lua e as estrelas tenham sido por Deus fabricados tão somente para uso e regalo dos homens.

Mas a Igreja, apesar de se dizer tão de acordo com a razão, não conta absolutamente com esta ultima para conquistar o espirito dos homens e tem para si que deve usar de todos os processos, mesmo os mais violentos, para obriga-los a lhe serem sujeitos e a lhe seguirem os ditames.

Quererá a Igreja nega-lo? Aparecerá por ali algum canalha clerical que desminta a asseveração, que aqui fazemos, de que o *Syllabus*, acima mencionado, condena a proposição, segundo a qual, a Igreja não tem o direito de empregar a força material para coagir os homens a lhe obedecerem?

Oh! Como é a religião consentânea com a razão e com o bom senso! E como o seculo se mostra incoerente ao querendo se dobrar ás verdades, pelas quais D. Sebastião Leme está esbaldando na cathedral do Rio!

Incoerencia!... Palavra que jamais deveria ter saído dos labios sacrosantos do quasi divino bispo de Ortosia, pela mesma razão porque em casa de enforcado não se deve falar em barão.

Mas, desfrutável prelado, incoerentes sois tu e os teus colegas cujo motto *vivendi* é exactamente o inverso do que andais a pregar aos pobres de espirito, que vos prestam atenção.

Incoerencia é enaltecer a abnegação das coisas mundanas e revelar a mais desmarcada ambição, a mais desmanchada cupidice.

Incoerencia é exaltar a acidade e actuar na sociedade como elemento de dissolução dos costumes, como pessimo levedo que faz germinar nos lares mais honrados a immoralidade nas suas formas mais abjectas.

Incoerencia é ensinar que todos os homens são irmãos e todos os crimes são iguais, e que os tentados, daqueles que estão no caso de dispor da cornucopia das graças e dos benefícios materiais.

Incoerencia é mercadejar sacramentos que diz-se terem sido instituídos para a salvação de todos os crentes, mas de que só participam aqueles que dispõem das quantias fixadas nas tabelas diocesanas.

Incoerencia é aconselhar a humildade e ser a encarnação do mais estúpido, do mais ridiculo e do mais feroz orgulho, que imaginar-se possa.

Incoerencia é fazer a apologia dos sofrimentos, das amarguras na vida terrena e levar uma existência principescas, do mundo colhendo a maior soma de gozos e delicias, que o mundo oferecer possa.

Essas, as mais palpáveis, as mais flagrantes incoerencias que verificamos na sociedade moderna.

Para o numero proximo, d. Sebastião Leme, os comentários sobre o tema da tua segunda conferencia.

Ignoto.



Seção amena

Um trabalhador paga ao vigário o prego de uma porção de sua falcatória sagrada. O pagamento é feito de boa vontade e em níquel.

— Você deu-me um tolo a mais, diz o vigário, depois de contar.

— Não faz mal: fique com ele e, na missa, diga algumas amaldiçoas mais.

Luisinha faz constantes travessuras. Uma vez, diz-lhe a mãe, que é muito besta:

— Para ir para o céu, é preciso ter muito juízo.

— Ora! para para o céu, é preciso morrer, e eu não quero morrer. E' a opinião de todos os fiéis...

Um padre ouve comovido uma historia tragica.

— Como é isso, reverendo? Outro dia, V. Rev. não se enternecia tanto com a narração dos martírios dos santos...



17 DE FEVEREIRO

A IGREJA ASSASSINA GIORDANO BRUNO

Não vimos repetir aos nossos leitores a historia desse mártir do catolicismo, que há 312 anos expliou na fogueira o crime de se revoltar contra a vil casca de noventa escusos em que o clericalismo romano transformara a residencia do vigário de Cristo, porque essa historia, a que anno a anno vamos fazendo referência, deve já ser de todos conhecida. Apenas queremos, ao recordar esta data, avivar novamente no espirito de quem nos lê o sentimento de repulso, que a todas as intellectualidades bem constituídas deve inspirar uma religião que de tais monstruosidades é autora e instigadora.

A inquisição perseguiu o frade Giordano Bruno por ele ter, em consequencia do nojo que lhe causava o ignominioso trafico de indulgencias, remissões de peccados, etc., que no Vaticano se fazia mediante esportula monetária, abandonado a vida conventual para vir, cá fora, livre das algemas morais e intellectuais que lhe impunha o monastismo, lavar bem alto o seu protesto contra semelhante deturpação das doutrinas pela propria Igreja attribuídas a que ela diz ter sido o seu fundador. A sua terra natal, Nola, não era abrigio seguro, e por isso Giordano Bruno se expatriou, indo para a Suíça, para a Alemanha, para a Inglaterra, para a França, pregar o seu protestante e ganhar a sua vida ensinando filosofia, historia, humanidades e letas.

Nas universidades como nos paços de reis, principes e imperadores pôde o ex-monge dar exuberantes provas do seu vasto saber e da sua poderosa intellectualidade. Nesta vida laboriosa e accidentada passou largos anos da sua existencia, até que, um dia, a nobreza dos ares patrios começou a lembrar-lhe, a impor-lhe o regresso á terra natal.

Volto. O céu formoso e as verdejantes campinas da bella Italia fizeram transbordar de alegria aquele coração durante tantos annos alanceado pelas saudades da Patria tão queridas. Foi para Venezia, esperando que a bandeira da terra dos doges, fora dos territorios onde dominavam o papa e a sua inquisição, lhe servisse de abrigo. Não se lembrava, ou não sabia, porém, o desgraçado filósofo, que a Republica de Venezia de republica só tinha o nome, pois não merecia o nome de Republica o Estado que não é, acima de tudo, contrario, diametralmente oposto a tudo quanto, directo ou indirectamente, represente privilegios, desigualdades ou superstições. Venezia não era uma Republica digna desse nome, porque não era anti-clerical.

Giordano Bruno supôs ainda, talvez, que, passados trinta annos, os inquisidores e seus cruéis inimigos, o houvessem já esquecido, o não odissem já tanto como a quando da sua saída do convento. Também nisso grande era a sua ilusão. O peor, o mais tenaz e encarnizado de todos os odios é o que se exerce em nome de uma religião revelada e de um Deus vingador, cheio de cólera implacável e despedindo raios a proposito e a despropósito de tudo e de todos. Este odio nem com a morte acaba. Transmite-se de uns a outros, como se fosse uma herança. Morro um inquisidor, aquele que o ia substituir herdava-lhe, com as funções, os odios e a sede de vingança. E assim a maldita religião da morte.

Ao conhecimento dos inquisidores romanos chegou a noticia da estada em Venezia da ovelha que fugira ao curral. Não descansaram enquanto não conseguiram do governo veneziano a entrega da vitima, com o supplicio da qual antecederiam se rejorizavam. Negociaram com Venezia a entrega do fugitivo, em troca de quaisquer compensações. E Venezia praticou a vilania de lhes satisfazer a perversa vontade!

O processo foi rápido, sumário, inquisitorial. Ao acusado não foi permitido o direito de defesa. A fogueira esperava-o, e a religião não queria fazê-lo passar pelo desgosto de lhe ser roubada a presa com que contava, para aplacar as iras divinas. Ao set-lhe lida a sentença, Giordano Bruno atirou desdenhosamente á cara dos juizes o seu desprezo. Pouco depois morria no tremendo supplicio a que o condemnaram em nome de um suposto Deus que dizem de bondade! Passou-se isto na Roma dos papas, a 17 de fevereiro de 1600, no Campo dos Flores.

Hoje, na grande praça que conserva o mesmo nome, ergue-se, no mesmo lugar onde há 312 annos foi suppliciado o grande filosofo, a estatua altaíveira de Giordano Bruno, como que brandando ás gerações vindouras o seu protesto contra aquelle crime sacerdotal, apontado á humanidade do Vaticano como sendo um covil do mal, que é preciso ser expropriado por utilidade publica e hygiene social...

Augusto José Vieira.

EM GUAXUPÉ

Suicidio provocado por um padre indignação do povo, que enxota o causador da desgraça

De Guaxupé, no Estado de Minas, recebemos á ultima hora uma carta relatando uma grave occorrença que ali se deu e que foi provocada pelo vigário Pinto Frassait, já bastante conhecido de nossos leitores. O padre Frassait, que já nos temos occupado da sua repulsa proeza. E' o tragico fim de um pobre moço, de conhecida familia do lugar e que, agredido vilmente pelo setaina, privado de desfructo, procurou occultar na morte a sua vergonha.

Só depois do deslecho do seu triste destino é que a população de Guaxupé, revoltando-se justamente, expulso do seu seio o nojado padre Frassait, que está refugiado nesta capital.

Por hoje, devido ao adeamento da hora, só podemos publicar a carta que ligeiramente nos informa do suicidio, deixando para outro numero outros pormenores e outros comentarios.

Essa a carta: «Acha-se nessa capital o já celebre reverendo padre Pinto Frassait, vigário desta localidade. Vejamos a que honra sua reverendissima até St. Paulo: Na quinta-feira da semana passada, 7 do corrente, tendo ele escontrado o seu sacristão a jogar com um moço de nome Zeti, filho do capitão Erasmo Soares de Barros, agente do correio desta Vila e chefe de uma das mais consideradas familias aqui residentes, entrou-se e depois do muito esbolar e esbordoar o brio do rapaz, levou-o ainda á presença do capitão Erasmo exigindo que este, por sua vez, castigasse o filho. O capitão Erasmo é cavalheiro de educação esmerada e religioso e talvez só por isso reprovando em termos ásperos o seu querido filho, que era também querido de toda a população de Guaxupé. O moço, muito com a cabeça a jorrar sangue das pauladas que lhe dera o reverendo padre Pinto, num assomo do seu brio ofendido, suicidou-se, atirando-se dentro de uma cisterna. O povo, reunido de momento, tentou linchar o causador de tão triste calamidade, que, perseguido por gritos de mata! mata! pôde evadir-se, alanceando casualmente na Estação um trem de carga que estava a sair, sendo ali, durante a demora da partida do trem, guardado pela força publica de armas embandadas.

Eis porque está sua reverendissima nessa capital, por essa rua distribuindo risotos a seus admiradores. Do presente e lastimoso acontecimento mandamos outros pormenores oportunamente. Do vosso, etc.»



DA PORTA DA EUROPA

Vários pratos políticos do dia — Em Portugal: a apresentação do orçamento — Milagre para uma, predigitação para outros — O interesse do povo fora do debate — Uma grande tragédia da marinha — Os passos de terra — Em Espanha: os republicanos no paço — Ultima carida: os mancha profudados? — Em França: a reintegração do inquisidor de Dreyfus — Tardia indicação dos breffes — A eleição presidencial e a vontade popular.

LISBOA, 19 DE JANEIRO

A Europa tem estado toda atenta ao desenrolar das várias scenas e intrigas políticas — manobras de defesa, mudança de governantes, etc. — todas de apascentar o mundo especial dos politicos e profudados? até o grande publico leitor de gazetas, o mesmo que se interessa pelas corridas e pelas apostas.

Em Portugal, a corrida continua a ser a subida de Afonso Costa, que se incumbiu das pobres finanças deste país; e foi mais particularmente a apresentação do orçamento á Câmara.

Segundo parece, o dr. Afonso Costa vai com effeito dar cabo do deficit, cuja morte elle jurara. Em quatro dias apenas de governo, cortando despesas inúteis e engrossando receitas, fez, isto é, previu uma redução de cinco mil contos. Chega, viu, venceu.

Milagre! A palavra foi escrita milagre! clama entusiasmada a gente do partido. Aquilo é que é talento! aquilo é que é saber! Está ali o salvador da pátria, que «firmou» possuir a necessaria envergadura para resolver o nosso problema financeiro. Está liquidado, morto, espatifado o partido evolucionista. E' a nova e definitiva consolidação da Republica! A obra do 5 de Outubro é enfim continuada: estão no poder os «heróis do 6 de Outubro!» (Não tomem os milaneses esta frase no mau sentido...)

Charlatanismo! clama a opposição. Simples cálculos hipocriticos de gabinete! Veremos depois a realidade! O que ha desde já são artificios aritmeticos e inconveniencias de linguagem...

Interessa-se realmente o povo pelo debate? Se o povo trabalhador, o que produz utilidades, o que sustenta os ricos e paga todos os impostos — mesmo os que o rico finge pagar, recuperando-os nos salarios reduzidos ou nas rendas e preços aumentados — julga e depender do debate a sua salvação, está um peccadinho julgado. Aquilo é a luta entre os partidos, todos de acordo quanto ao aumento de receitas... para o Estado; e com ou sem deficit, é muito provável que os impostos continuem a subir e a vida encarecer, sem que correlativamente aumentem as possibilidades (poderia dizer: as liberdades positivas) para os proletários, a não ser pelo proprio esforço do seu braço e da sua unido.

No fim de contas, há públicos para tudo. Cada partido tem o seu. Assim há um que exalta as virtudes do Messias triunfante e há outro que exagera os despezos desorientados da opposição. De finanças, ninguém percebe, nem é preciso. Basta ler cada um, ao levantar da cama, o que diz o seu jornal: á mesma hora que o padre, traz o padreiro espiritual, vulgo «rapaz do jornal», a refeição diária de ideias feitas por um centavo. A distribuição de ideias baratas a domicilio.

E' o modo: Entretanto, a atenção pública voltou-se para uma dolorosa tragédia: o naufragio do «Veronense» perto de Leixões, a duzentos metros da costa. Foram dias e noites horribes — de pavor para os naufragos, encerrados no vapor encalhado, açoitado pelo temporal, varrido pelos vagalhões; de desespero e de luta para os que, quasi impotentes, assistiam de terra á imane catástrofe. Foi

mais um ensejo para evidenciar a pobreza lusitana e meios de prevenção e de salvamento, e a riqueza humana de sentimentos de solidariedade e de heroismo. Otem a tarde terminou o horroroso pesadelo dos nossos naufragos, quasi todos salvos, e para a multidão que prestou socorros, tanto alegre pela vitória alcançada.

Mas voltemos á politica, saindo de Portugal. Em Espanha, a situação é curiosa. A chamada dos republicanos a palácio levanta a mais desconfiança e a graciosa coleção de comentarios e hipóteses. Qual será o resultado do espectacular «belo gesto» liberal do rei? Será tomado como indicio de fraqueza? Será já a ultima carada de desespero da monarquia? Estará a Espanha num periodo semelhante ao que viveu Portugal, fol desde o regicídio do renegado João Franco á deposição de D. Manuel? Ou aquilo é uma habil e enredadora manobra da raleza, sendo os republicanos os logrados? O caso é que o rei Afonso, que deixou assassinar Ferrer, não se sente lá muito seguro no seu trono...

Se elle conseguir firmar-se... tanto peor para os politicos e publicanos, que parecem recear tanto a revolução como os manarquistas e os frades.

Em França, tivemos como primeiro prato politico do dia a reintegração do tenente-coronel du Paty de Clam, uma das mais odiosas figuras da questão Dreyfus, o inquisidor do preso judeu, o homem da «dama velada» pelo renegado Millierand. E da grande indignação entre os radicais, que tantas coisas tinham deixado passar ao ambicioso e furador ex-socialista, desta vez forçado a largar a pasta de ministro, porque Poincaré viu na reintegração e no furor causado um golpe na sua candidatura á presidencia da Republica.

Raimundo Poincaré, apesar de tudo, foi eleito — e eis aqui o segundo grande prato do dia de França, e mesmo de fora. Houve referendos, concursos, apostas, o diabo, Poincaré (Raimundo) é o advogado do caro das grandes companhias, ganhando por ano a bagatela de 300 mil francos. Entre essas companhias conta-se a de «Saint-Gobain» (*frust* do vidro, do ácido sulfúrico e dos adubos quimicos), administrada pelos chefes de velhas familias realistas — duques, marqueses, condes: fo' ele quem, há cinco annos, a livrou de um processo por assabamento. Em troca, as sociedades industriais e financeiras amparam-no e promovem a sua ascensão ao poder.

E aí está como, em democracia, o governo é a expressão da vontade do «povo soberano», isto é, da oligarquia financeira, industrial e comercial que manobra os comités electorais, os grandes «órgãos da opinião», os influentes locais etc., os dignos representantes da nação. Porque o Povo, meus senhores...

Novo Vase

ADOLFO VASQUES GOMES

Deve visitar-nos brevemente o grande orador e livre pensador espanhol, que se acha em excursão da propaganda das nossas ideias no Rio Grande do Sul.

De St. Paulo irão ao Rio de Janeiro, onde a Liga Anticlerical já está se occupando da organização das conferencias que ali deverão realisar-se. Encontramos em um jornal de Santana do Livramento os traços biographicos de Vasques Gomes, que seria aqui reproduzidos no nosso proximo numero.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizada a tratar de tudo que no se refere a esta ilha, o cidadão Novo Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.

sua mãe e sua irmã Casada, mais tarde divorciou-se. Escritora de talento, madame Crespy publicou muitos volumes. O viúvo tinha trinta e seis anos. Vigoroso e de porte elegante julgava-se que nenhum motivo tinha para o suicídio. As suas relações com madame Crespy datavam de muitos anos, sendo há pouco denunciadas ao bispo que, após um inquérito, o transferiu para Agen (Lot-et-Garonne). Agora para o vicariato de Santo Hilário.

Opinião dum jornalista

A propósito dessa trágica ocorrência publica *Roger Bontemps*, no *Radical*, de Paris, sob a epígrafe *Emancipação*, as seguintes considerações:

Os nossos leitores conhecem o sombrio drama de um salão de Agen acaba de ser teatro. O padre Chassaign, cura da paróquia de Santo Hilário, natou-se voluntária ou acidentalmente, em casa de uma penitente dele enamorado, a sr. Alice Crespy. Noutro lugar publicamos uma carta dirigida por esta senhora a um nosso colega da *«Dépêche»*, de Toulouse, carta perturbadora, extraordinária e inverosímil, e contudo verdadeira. Essa página de amor e literatura — e que amaria eu a ler — seria uma completa revelação quanto à influência do padre na mulher, se exemplos illustres não tivessem já de há muito iniciado nos mistérios dessa influência. Neste ponto pouco mais temos que aprender.

Mas as aventuras profanas em que se encontram envolvidos padres e freiras são de frequência cada vez maior. Na Itália, quatrocentos padres amaram o seu bispo de se põem em greve, como bons sindicalistas. Um freixo capuchinho casa-se em Londres e depois abandona a mulher em qualquer parte, o que a leva a publicar um jornal alemão as cartas do infeliz. E agora aparece-nos a morte misteriosa do abade Chassaign. Esta morte de muito sobre o estado de espírito de mais de um padre moderno. Como em tantos romances a que a gente eclesiástica fornece a matéria prima, presente-se um desejo inenunciável, uma necessidade irresistível de emancipação. A sotaína do padre transforma-se numa como que túnica de Nessus. Quando se desvestem, e que depois fazem esforços insensatos para dela se libertarem. Ora é o amor da mulher que os incita à libertação, ora o amor da ciência. E nada há mais conveniente do que essa luta, mas não a vencer, contra o poder de Roma. O abade Chassaign é uma nova vítima desse poder. Matou-o o desejo do padre. E certo que sem isso talvez ele não tivesse conhecido os arrebatamentos de uma paixão em que a literatura, o misticismo e a voluptuosidade se formam num amálgama capaz de desorientar a consciência humana de um Santo Iliário ou de um Santo Hilário.

A "carta perturbadora"

Esta a carta a que se refere *Roger Bontemps*:

Talvez já saiba, pelos rumores publicos, da desgraça medonha que acaba de ferir-me. O padre Chassaign, cura de Santo Hilário, matou-se em minha casa, ontem de tarde, às 6 horas e meia. Eu não sei o tempo de tempo que eu era meu amante. Ah! sr. redactor, por favor! Se tem (o que ignoro) o dever de relatar esta tragédia não a acuse! Era uma bela alma, alva e digna. Era sensível, activo, amável. Sou portuário um sofrimento sobre-humano.

FOLHETIM DA LANTERNA (33)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

IX

OS DOIS INIMIGOS

Eu nada tenho que vos dizer nem que ouvir. Retirai-vos!

— Fechei a porta à chave, e lá vai a chave respondendo: Salveiro! abrindo a chave à janelinha.

Deu dois passos. De Belleville, muito palido, tratava de se aproximar duma panoplia, com a ideia de tirar uma pistola.

— Querias, disse elle com ironia, falar a um cristão, contaminado com o vosso concelho, mas os angustados-vos, porque vou matar-vos.

E deu um pulo para a panoplia. Mas, mais rapido, Salveiro deteve-o, agarrando-o por um pulso e arrancando-lhe um grito de dor. Salveiro collocou-se entre a panoplia e o conde, dizendo:

— Labora em erro, imaginando que nada tendes que me dizer nem ouvir. Um dia, vosso pai fez-me a mesma observação; mas instantes depois teve de confessar que as minhas palavras não eram despidas de interesse.

— Meu pai! Porque falais dele? Porque preciso. Porque sou digno filio daquele monstro.

— Cuidado! Não insulteis os mortos!

— Não o insulto; digo o que era: um monstro. Disse-o a ele proprio

de uma parte, o dever aspero e rude, o sacrificio colado ao, o amor por mim, de outra, o seu amor por mim, que aumentava! Bem-vos o dualismo com tanto, mas não o outro; mas veio uma ordem do bispo, mandando-o para os planaltos de Monclar, para Monclar. Profunda exasperação. E disse-me:

— Eu enlouqueço!

E a loucura, que palavra na sombra, apoderou-se de mim. E bastou uma pequena bala de revólver para angustiar-me sempre o belo rapaz de tanta pureza, de duplo amor simultaneamente místico e voluptuoso, e dele só me resta o livro do nosso amor! Este livro, o *«Duplo Perfume»*, em três partes, cento e quinze poemas, é toda a nossa historia desde o primeiro dia em que a sua palavra enlouqueceu-me, até ao dia em que a sua palavra enlouqueceu-me. Este livro, o *«Duplo Perfume»*, em três partes, cento e quinze poemas, é toda a nossa historia desde o primeiro dia em que a sua palavra enlouqueceu-me, até ao dia em que a sua palavra enlouqueceu-me. Este livro, o *«Duplo Perfume»*, em três partes, cento e quinze poemas, é toda a nossa historia desde o primeiro dia em que a sua palavra enlouqueceu-me, até ao dia em que a sua palavra enlouqueceu-me.

Depoimento de Madame Crespy

Ela agora conta, interrogada sobre os ultimos momentos do padre, a apunhada Alice os refere:

Tinhamos combinado a nossa enxada de despedida para o proprio dia em que elle morresse. Elle disse-me: — Acabou-se. Vou partir. Torna a ler-me os poemas de que eu mais gosto.

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pedi-lhe um beijo e eu subi a buche-lhe a *«Sagasse e le destinée»*, de Maurice Maeterlinck, e o *«Ritmo»*, de Jules Lemaitre. Quando desci a escada, ouvi um grito de dor, e encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Deixei estar de pé quando desdichado. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Obedeceu-lhe, e li-lhe o 42 de maio de 1901 e o *«Lobisomem ardente»*, duas presenças celebrando duas nupcias desdichadas. Apenas um gemido, e a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

FESTA DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramático Anticlerical — Para estreia deste nosso prestantissimo grupo de propaganda, realizar-se-á no salão do Centro Galego, sito à rua da Constituição, 38, às 8 horas e meia da noite de sábado, 20 do corrente, uma festa, representando-se o emocionante drama de H. H. H. H. H. *«Os ladrões da honra»*. Haverá tambem baile familiar e leilão de prendas. Os cartões distribuem-se na sede da Liga Anticlerical, rua Marchal Floriano Peixoto.



Bibliotecas e recados

Santos — A. L. de O.: *Sequitur Agacem* e *in-folios*. Poderia ter sido 1900 o tempo que já a estava recebendo. Fazendo o póda já faz bastante. Urgo me intensificar a propaganda. Saude!

Cecilio: Dirás ao H. que o G. aqui não aparece e não temos o seu endereço. Saude!

O espectro de Torquato de Almeida: Esperamos que continue. Deve haver por essas bandas grandes muitas coisa que escaparam. Saudações.

Momus — T. Miranda: Bravo! Muito me alegro a noticia que nos dá. E de grande proveito para a nossa propaganda de pelo Norte. Mandar-lhe em que elle morresse. Elle disse-me: — Acabou-se. Vou partir. Torna a ler-me os poemas de que eu mais gosto. Saudações.

Ricardo Preto — T. G.: Rozamos a transcendência. Saudações.

Hammond — L. F. B.: Registramos o novo assumto de Guabirós. Agradecemos. Saudações.

Rio Claro — B. J. Ferreira: Recebemos os 10 de sua assinatura. Saudações.

João Ribeiro — A. R.: Agradecemos a informação enviada. Saudações.

F. Dumela Nien-nien: A mulher e o militarismo. Saudações.

Enrico Ferri, *Dal Microbo*. Saudações.

Romanos di Donna, *Angelo Longueti*. Saudações.

Alonso de Aulbris, *La Argentina*. Saudações.

EM FRANCÊS

João Grave, *Leulente por*. Saudações.

João Grave, *Si j'avais à parler*. Saudações.

Eliseo Rodas, *Evolução e*. Saudações.

Orbino Goulet, *Amor Femine*. Saudações.

Leulente por, *Quelques Verités*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.

André Girard e M. Ploret, *Le*. Saudações.